

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**BEATRIZ ABRAHÃO VIANA**

**A DANÇA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR PARA O  
DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE  
DOWN**

VOLTA REDONDA

2018

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A DANÇA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR PARA O  
DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE  
DOWN**

Artigo científico apresentado ao Curso de Educação Física do UniFOA como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aluna: Beatriz Abrahão Viana

Orientadora:

Prof. Me. Hilda Torres Falcão

VOLTA REDONDA

2018

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autora: Beatriz Abrahão Viana

Título: A dança como instrumento facilitador para o desenvolvimento global de crianças com Síndrome de Down.

Orientadora: Prof. Me. Hilda Torres Falcão

Banca Avaliadora:

---

Prof. Me. Andrea Oliveira Almeida

---

Prof. Me. Thais Vinciprova Chiesse de Andrade

## RESUMO

A dança é uma das mais antigas formas de expressão. Além de suas características históricas, seu entretenimento e inúmeros benefícios, é uma atividade física que promove uma melhora significativa no desenvolvimento de crianças com síndrome de Down - SD.

Este trabalho tem como objetivo, revisar bibliograficamente a importância da dança como atividade extracurricular nas escolas, visto que o tempo dedicado a dança nas aulas de educação física é mínimo para atender os benefícios de seus efeitos biopsicossocial. Visto que é de grande importância para crianças com essa síndrome uma maior atenção para um melhor desenvolvimento. Foi realizada uma busca de artigos nos sites Google Acadêmico e Scielo no período de janeiro a julho, e também em diversos livros e artigos da biblioteca do UniFOA. O resultado mostrou que a dança, trabalhada de forma coerente com a idade da criança, pode ser significativa no seu desenvolvimento motor, cognitivo, físico além da integração social.

**Palavras-chave:** dança, Síndrome de Down, desenvolvimento, benefícios dança.

## ABSTRACT

The dance is one of the oldest forms of expression. In addition to its historic features, your entertainment, and numerous benefits, is a physical activity that promotes a significant improvement in the development of children with Down syndrome-SD.

This work aims to revise bibliograficamente the importance of dance as extracurricular activity in schools, since the time dedicated to dance in physical education classes is minimal to meet the benefits of biopsychosocial effects. Since it is of great importance to children with this syndrome more attention for a better development. A search of articles in Google Scholar and sites Scielo in the period from January to July, and also in numerous books and articles in the UniFOA library. The result showed that the dance, crafted in a manner consistent with the child's age, can be significant in your motor, cognitive development, physical as well as social integration.

**Keywords:** Dance, Down Syndrome, Development, Dance Benefits.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>6</b>
<b>3. HISTÓRICO DA DANÇA.....</b>	<b>6</b>
<b>4. SINDROME DE DOWN.....</b>	<b>8</b>
<b>5. CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA PARA CRIANÇAS COM SD.....</b>	<b>10</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>14</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Física é uma disciplina que trata do conhecimento denominado cultura corporal, e utiliza a expressão corporal como linguagem. É uma área do desenvolvimento humano ligada às práticas corporais, e se utiliza do corpo em movimento para expressar sensações e sentimentos. Segundo Brikman (1989), a expressão corporal como atividade surgiu na Argentina com a proposta de resguardar a alegria e a espontaneidade natural do movimento da criança.

A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e a partir das vivências com crianças que apresentam Síndrome de Down, tendo como objetivo utilizar-se da dança como forma de movimento, apontando a importância da mesma como atividade extracurricular nas escolas, visto que o tempo dedicado a dança nas aulas de educação física é mínimo para atender os benefícios de seus efeitos biopsicossocial para crianças de 2 a 7 anos, sendo assim, analisaremos o período dos movimentos fundamentais.

A dança é uma das maiores e mais antigas manifestações culturais existente na atualidade, tendo um de seus primeiros registros no período paleolítico superior (MENDES,1987). Portanto a dança é capaz de expressar sentimentos, religiosidade e formas diferentes de pensamento, pois revela hábitos e comportamentos dos indivíduos ou grupos sociais.

Na contemporaneidade os indivíduos valorizam apenas a estética do corpo através das diversas atividades físicas, mas a dança é muito mais que isso, é corpo em movimento, um movimento biopsicossocial de entrega e satisfação com múltiplas possibilidades. Assim, como afirma Brikman (1989), cada minúscula partícula do corpo, cada célula, repete a função criadora total do ser humano, entende o movimento como centro do processo de desenvolvimento corporal, de forma holística, dentro de uma determinada temporalidade e de um espaço específico.

Entretanto, para o aluno, beneficiar-se da dança é atingir algo para si mesmo, como por exemplo: prazer, auto estima, socialização, etc. O seu sentido pessoal na dança tem relação com a realidade de sua própria vida, com suas motivações. As crianças com

Síndrome de Down se beneficiam da dança pelo prazer que sentem ao socializar com outras crianças, melhoram a coordenação motora, a tonicidade muscular, a autoestima, além das atividades da vida diária e o aumento da capacidade de atenção.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (MARTINS, 2001).

Segundo, Marconi e Lakatos (2007), este tipo de pesquisa tem como finalidade, colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

Desta forma segundo os autores acima, a pesquisa bibliográfica não é apenas uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas sim, proporciona o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a outras conclusões.

O presente estudo tem como objetivo analisar e apresentar os benefícios da dança em horário extracurricular do ensino infantil, para crianças com Síndrome de Down incluídas à outras crianças sem a síndrome, por saber que a dança dentro do currículo da educação física, não atende totalmente as expectativas, devido ao tempo destinado a mesma, afim de cumprir o currículo.

## **3. HISTÓRICO DA DANÇA**

A dança além de expressão artística e corporal, é uma forma de linguagem. O homem em seus primórdios, utilizava a expressão corporal como forma de comunicação antes da comunicação oral. Cada região do mundo a disseminou conforme sua cultura e religião. Esta era vista como forma de expressão para todo tipo de eventos, comemorativos ou não. Sócrates dizia que a dança formava o homem por completo. Na Grécia, eles acreditavam que o corpo e espírito era um só, e que o equilíbrio entre os dois trazia o conhecimento e a sabedoria, e a dança era o que trazia a proporção

correta do corpo, o que dava boa forma além de ser uma das maneiras da reflexão estética e filosófica (DINIZ E SANTOS, 2009).

Em sua história, a dança era usada como rituais e oferenda, uma forma de festejar e agradecer pelos fenômenos naturais, a fertilidade e colheita, celebração aos Deuses, forma de identificação e sintonia com a natureza, do corpo e da alma. Sendo acessível a todos os cidadãos até atingir a esfera do entretenimento, onde o gênero teatral comédia originou-se cortejos e bailes de máscaras. Mas a característica sensual foi proibida pelos cristãos, que pregavam a purificação dos bons costumes (LANGENDONCK, 2006).

Com o processo evolutivo a dança foi se ampliando, e das danças da corte clássica nasceu então a dança moderna, neoclássica até chegar a atualidade, a dança contemporânea, que se apresentaram como forma de contrariar e modernizar. Sendo vista além da forma mítica e de entretenimento, foi também reconhecida como arte e atualmente é vista como espetáculo. Os bailarinos e coreógrafos tentam passar muito mais que entretenimento e mera expressão corporal, e sim utilizam a dança como crítica à sociedade.

Se opondo totalmente a dança como espetáculo, esta pode ser usada como meio de atividade física, trazendo muitos benefícios para mente e corpo. Promove além do fortalecimento e alongamento muscular, trabalho de ritmo, socialização, entretenimento e a sociabilidade das pessoas. Atualmente, diante das pesquisas científicas encontradas, a dança também é recomendada como terapia para recuperações físicas e emocionais.

Segundo o filósofo Sócrates (469-399 a.C.), a dança forma um cidadão completo. Platão (428-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) consideravam a dança e a ginástica como uma iniciação para a luta e para a educação dos cidadãos (DINIZ E SANTOS, 2009).

Nesta perspectiva utilizamos a dança como instrumento para potencializar e estimular o desenvolvimento global das crianças com Síndrome de Down.

#### 4. SÍNDROME DE DOWN (SD)

O desenvolvimento humano, se inicia na fecundação entre o gameta masculino (espermatozoide) e o gameta feminino (óvulo) que se torna singular procedendo então a multiplicação celular. Quando esta formação genética sofre algum tipo de alteração, o desenvolvimento normal pode ser prejudicado, fazendo com que o feto tenha má-formação genética ou de algum órgão (DUARTE et. Al,2009).

De acordo com os autores acima citado, a Síndrome de Down, uma das alterações genéticas que acontece quando o cromossomo 21 se triplica ao invés de duplicar, sendo então assim conhecido também por *Trissomia do cromossomo 21*, causando como características: deformação craniana ocasionando redução no número de neurônios gerando o retardo mental, dificuldade no aprendizado, atraso no desenvolvimento; hipoplasia muscular e lingual deixando a língua anormalmente grande levemente para fora, causando dificuldade de fala; dedinho curvado, distúrbio de visão, doença da tireoide, imunodeficiência, linha única na palma da mão gordas e pequenas, obesidade, orelhas de implantação baixa em forma de concha, perda de audição ou respiração bucal, cabelos ralos e finos, baixa estatura, arcaria dentária pequena, dedão do pé mais separado dos demais, nariz arredondado, sendo que as mais preocupantes é a instabilidade da cervical, que se não cuidar dos movimentos e atividades por eles desenvolvidas pode ocasionar paraplegia ou óbito; e também cardiopatia congênita, onde muitas das vezes é caso cirúrgico para correção. Estas características podem não ser encontradas todas de só vez em uma pessoa com a deficiência, podendo ter algumas exceções.

Existem três tipos de Síndrome de Down: a trissomia 21, mosaico e translação. O que difere uma da outra é o tipo de alteração genética causada no organismo. A causa deste erro genético ainda não foi comprovada. Existem vários estudos que apontam como causa, o uso de drogas, fumo, contraceptivos por um tempo prolongado,

alterações hormonais presentes na mãe. A causa mais apontada, porém, não comprovada cientificamente, é a idade avançada da mãe, pois quando a mulher envelhece, os óvulos envelhecem juntos, o que pode ocasionar o erro genético (DUARTE et. Al, 2009).

Segundo a OMS, a cada 550 nascidos, 1 nasce com a síndrome de Down. Antigamente, um deficiente vivia aproximadamente até os 19 anos, outros morriam logo após o parto devido as complicações cardiopatas. Com a evolução dos estudos e pesquisas para que tenham um melhor desenvolvimento tanto cognitivo quanto motor, a expectativa de vida do deficiente com SD aumentou para 60 anos, o que não fica tão longe da expectativa de vida da população em geral que é de 70 anos, melhorando assim sua qualidade de vida, tendo então uma maior quantidade de pessoas com SD adultas, ao contrário de antigamente (DUARTE et Al, 2009).

Cada genitor tem suas individualidades, não é porque tem a Síndrome de Down que será um incapacitado ou inválido. Muitos tem um desenvolvimento, mesmo que lento, considerável bom, podem estudar, trabalhar, cursar uma faculdade. Isso depende do grau de deficiência que a síndrome causa e de como é criado e se tem as estimulações necessárias para cada fase da vida.

Muitas pesquisas discutem sobre a deficiência mental gerada pela síndrome, mas podemos observar que esta deficiência não atrapalha na adaptação das atividades diárias na vida do indivíduo. Percebe-se o quão são alegres e um dinamismo surpreendente, com capacidade de viver a vida intensamente como qualquer outra criança que não possui a síndrome.

Assim como quem não tem nenhum tipo de deficiência aparente, as pessoas com síndrome de Down também têm suas habilidades, seus pontos fortes, porém tem seu desenvolvimento afetado pelas alterações genéticas, provocando mudanças nas funções celulares desde a vida intrauterina. A síndrome gera o atraso de desenvolvimento, o que não impede que suas habilidades natas sejam estimuladas (MACHADO E CHIARI, 2009).

A partir do exposto acima acreditamos que a dança possa contribuir de forma significativa para o desenvolvimento neuropsicomotor das crianças que possuem esta síndrome, junto à outras crianças que não possuem a síndrome.

## **5. CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA PARA AS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN (SD)**

Go Tani (2005), organiza uma taxionomia da seguinte forma: movimentos reflexos (vida intrauterina a 4 meses após o nascimento), movimentos rudimentares (1 a 2 anos), movimentos fundamentais (2 a 7 anos), combinação de movimentos fundamentais (7 a 12 anos) e movimentos determinados culturalmente (a partir de 12 anos).

Nesta pesquisa, analisaremos o período dos movimentos fundamentais (de 2 a 7 anos), onde a criança se encontra na fase de exploração, experimentação e descoberta das capacidades motoras, e é nesta fase da educação infantil que deve ser exposta a uma diversidade de experiências motoras que proporcione o alcance dos padrões fundamentais de movimento.

A família é o principal e primeiro vínculo da pessoa com esta síndrome e de fundamental importância para o desenvolvimento psicossocial, pois é a partir desses primeiros laços que se constrói a base das relações intrapessoal e interpessoal (MACHADO E CHIARI, 2009). O profissional, mais que os médicos, tem a função de se permanecer firme junto com seu aluno, pois é com ele que o aluno irá contar quando sua base estiver instável, havendo assim uma transferência de sentimentos, muitas das vezes considerando seu professor como membro de sua família. Sendo assim, é função do professor procurar estar sempre se atualizando, a fim de poder trabalhar os diversos contextos que possam lhe apresentar, possibilitando maior acesso aos meios de suporte para ajudar no desenvolvimento do aluno com SD.

Verderi (1998) afirma ainda que, *“e como tal, o homem e a dança evoluíram juntos nos movimentos, nas emoções, nas formas de expressão e na arte de transformar os seres deste mundo”*, dentro desta perspectiva, vemos a dança muito além do papel de meras combinações de movimentos. A dança pode modificar o ser humano e sua vida.

Segundo Gomes e Rezende (2017), a dança é um instrumento fundamental na escola, que se apresenta com um cunho pedagógico social, o qual possibilita a transformação social, tendo preocupação da interação da criança com SD com o contexto social e as relações entre os sujeitos. Destaca-se com característica de cunho educativo e consciente, sem fins de rendimentos. Possibilitando intervenções no contexto sócio cultural sendo articulado com elementos históricos: classes, religião, gênero, raça, entre outros.

A dança não só resulta numa melhor competência da vida cotidiana, assim como a socialização, sendo uma atividade que contribui para além do desenvolvimento e principalmente nas vivências sociais.

No que diz respeito ao trabalho com as crianças, primeiro devemos encantá-las de forma lúdica, fazer com que se sintam brincando, brincando de dançar, de ser uma bailarina/o. A criança não brinca porque imagina, e sim, imagina porque brinca. Assim como diz Anunciação, Costa e Denari (2015), o brincar nas atividades propostas, proporciona além de satisfazer as necessidades infantis, novos referenciais motores. Sendo assim, a dança deve usar o lúdico como facilitador de acesso para o ensino da criança.

Diante das vivências com crianças com SD, nota-se dificuldades quanto à aprendizagem de nível motor, sendo assim, ao propor atividades lúdicas afim de introduzir novas vivências motoras, há uma maior necessidade de introduzir adaptações e em alguns casos, requer o acompanhamento de mediadores para dar suporte, afim de alcançar os objetivos traçados para esta criança, além da inclusão na turma. Levando em conta que uma criança com SD não se desenvolve no mesmo ritmo que uma criança dentro dos padrões de normalidade, não podemos privá-las da oportunidade de conhecer melhor seu corpo.

Comparando a atividade através da dança, diante do que fala Machado e Chiari (2009) sobre as habilidades adaptativas desenvolvidas por jovens com síndrome de Down incluídos ou não no mercado de trabalho, quem não têm atividades, apresentam maior ocorrência de birras, teimosias, irritabilidade, bem como comportamentos característicos de ansiedade e impulsividade. Os autores acreditam que se trata da permanência prolongada num estado ocioso que permanecem maior parte do tempo. Sendo assim, os que fazem atividades podem ter melhor integridade social e adaptativa, já que sua condição dificulta sua participação na sociedade.

A dança como forma de expressão corporal, funcionaliza a linguagem do corpo em suas estruturações, componentes e desenvolvimentos, levando sua prática à um conhecimento, uma consciência corporal mais completa e à expressão da personalidade. A expressão leva à múltiplos significados e possibilidades, é saber o que se é e sentir-se como se é. Preservar uma amplitude sensível e crítica corporal, comunicando-se consigo mesmo e com os outros, aceitando-se corporalmente e internamente (BRIKMAN, 1989).

Sua sistematização nos leva a perceber todo o seu progresso, pois a partir da repetição dos movimentos dentro das atividades lúdicas, resulta em benefícios para este corpo, como a tonicidade muscular, diminuindo sua hipotonia, característica da síndrome, fortalecendo a musculatura promovendo maior estabilidade articular; a melhora da percepção espaço-temporal através da exploração dos movimentos de grande angulações por todo o espaço.

Assim como diz Gallahue e Ozmun (2005), através do desenvolvimento contínuo de autoconceitos positivos é possível que apresentem inúmeras oportunidades de encorajamento, esforço e reforço tanto dos professores quanto dos pais.

É evidente como a atividade física, aqui especificamente se tratando da dança, influência de forma direta no desenvolvimento motor, cognitivo, pois através da prática vivencial, há melhora no seu desenvolvimento global. A interação com a música, atividades rítmicas, além do reforço necessário através do encorajamento, faz com que

a criança se desenvolva integralmente, promovendo a autoconfiança através das experiências.

Apesar da dança estar incluída de forma oculta dentro das aulas de educação física, esta atividade como cunho extracurricular é tão importante quanto as demais, afim de garantir a estruturação adequada dos conteúdos e utilizados dentro e fora da escola, assim como a socialização com as outras crianças, ensinando até mesmo para estas a respeitar as diferenças desde cedo, melhorando seus movimentos básicos, e suas habilidades motoras fundamentais e especializadas, aumentando também sua capacidade de atenção. Além de auxiliar no desenvolvimento das estruturas psicomotoras, tais como: esquema corporal, coordenação motora fina e grossa, organização espacial, organização temporal, lateralidade, imagem corporal, necessários para ações futuras.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da referida pesquisa percebemos a importância da atividade física para as crianças na faixa etária de 2 a 7 anos, pois é nesta fase que a criança desenvolve suas principais habilidades motoras (GO TANI, 2005). Sendo a dança utilizada como instrumento facilitador do desenvolvimento global das crianças portadoras de Síndrome de Down.

A dança como trabalho extracurricular nas escolas, após o horário regular é uma das atividades oferecida que proporciona vários benefícios a estas crianças, tais como: melhoria da eficiência perceptivo motora por meio de oportunidades de exploração e de experimentação, promovendo assim a autoconfiança de forma progressiva, a criatividade, o fortalecimento dos músculos em torno das articulações de modo a atingir a estabilidade corporal, além de reconhecer e descobrir sua autonomia para se perceber em relação ao contexto social, cultural, afetivo, psicológico, dentre outros.

Um fator presente no estudo é a preocupação em dar uma melhor qualidade de vida aos assistidos, enfatizando a questão social, biológica e psicológica com o intuito de

privilegiar a autonomia, a socialização, a independência do aluno em situações básicas do cotidiano.

Foi possível perceber que as crianças com SD, que praticam regularmente atividades físicas apresentam efeitos satisfatórios em relação à saúde física e mental, além da socialização e seus contributos, como a sensação de ter uma vida considerada saudável, fazendo com que a vida, para esse indivíduo, tenha um melhor sentido.

Portanto, podemos perceber que cada criança possui sua individualidade ao estabelecer relações com o seu meio, suas características subjetivas que o integra como indivíduo, tendo a dança como instrumento facilitador desses inúmeros benefícios.

## REFERÊNCIAS

ANUNCIAÇÃO, L.M.R.L.; COSTA, M.P.R.; DENARI, F.E. **Educação infantil e práticas pedagógicas para com o aluno com SD: o enfoque no desenvolvimento motor.** Bras. Ed. Esp. vol. 21 n.2 Marília, Abr/Jun,2015.

BRIKMAN, L. **A linguagem do movimento corporal.** 2ª Edição – São Paulo: Summus, 1989.

DINIZ, T. N., e SANTOS, G. F. de L. **História da dança – Sempre.** Universidade Estadual de Londrina, 2009.

DUARTE, E.; DÉA, V.H.S.D.(organizadores) **Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor.** São Paulo: Phorte, 2009.

GALLAHUE, David; OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Phorte, 2005.

GOMES, A.B.S; REZENDE, I.S.R. **A dança no ambiente escolar: contribuições para a formação dos estudantes.** Centro Universitário de Volta Redonda, 2017

LANGENDONCK, Rosana e RENGEL, Lenira. **Pequena viagem pelo mundo da dança.** São Paulo: Moderna, 2006.

MACHADO, M.L.G; CHIARI, B.M. Estudos das habilidades adaptativas desenvolvidas por jovens com SD incluídos e não incluídos no mercado de trabalho. **Saúde Soc** vol. 18 n. 4 São Paulo, 2009.

MARCONI, Marina A. e LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** São Paulo, Atlas, 2007.

MARTINS, G.A. e PINTO, R.L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos.** São Paulo: Atlas, 2001.

MENDES, Miriam Garcia C. **A Dança.** 2ª Edição – São Paulo: Ática, 1987.

TANI, Go. **Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento.** Guanabara e Koogan, 2005.

VERDERI, É.B.L.P. **Dança na Escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 1998.